



A matriz de todas as desigualdades é a heterossexualidade

Entrevista com Rita Laura Segato,

concedida a Liliane Machado

Fotos: Mathias Rodrigues/ANDES-SN

Professora titular da UnB, vinculada aos programas de pós-graduação em Biologia Ética e Direitos Humanos, Rita Laura Segato é uma das maiores pesquisadoras em estudos feministas e de gênero com enfoque nas violências praticadas contra as mulheres. Suas pesquisas englobam não apenas o Brasil, mas também vários outros países da América Latina. Não foi fácil para a **Universidade e Sociedade** conseguir um espaço na sua agenda, repleta de viagens a outros países, onde ministra palestras, cursos e realiza pesquisas. Recebeu-nos em sua casa, onde falou sobre as noções de feminicídio, naturalização dos gêneros e sexismos. Lúcida e intensa nas suas avaliações, Rita afirma que a matriz heterossexual é a origem de todas as demais desigualdades existentes na sociedade. Critica a academia por sua miopia sobre a questão do gênero, ironiza Sigmund Freud, quando disse que as mulheres têm inveja do pênis, rebatido por ela com a assertiva de que são os homens que têm inveja da felicidade das mulheres. A pesquisadora também nos fala sobre a saída do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, onde lecionou por cerca de 25 anos, por divergências éticas, morais e teóricas. Criadora, junto com o também professor Jorge Carvalho, do projeto de cotas para negros e indígenas nas universidades públicas do Brasil, ela comenta sobre os ganhos e desacertos dessa iniciativa, passados mais de dez anos de sua implementação. Ao discorrer sobre a crise política que o Brasil vivencia, anuncia-nos uma novidade: irá naturalizar-se brasileira, como uma maneira de solidarizar-se com as angústias vivenciadas pela população. Nascida na Argentina, Rita é mãe de dois brasileiros, ambos antropólogos. Leia a seguir a íntegra da entrevista.

Universidade e Sociedade: Você é argentina; gostaria que rememorasse sua vinda para o Brasil, onde mora há várias décadas.

Rita Laura Segato: Minha vinda para o Brasil antecedeu minha estada na Venezuela, onde conheci e me casei com Jorge Carvalho, brasileiro (atualmente professor do Departamento de Antropologia da UnB). Ambos fugíamos das ditaduras em nossos países e trabalhávamos no Instituto Ibero-Americano de Musicologia e Folclore. Estive no Brasil, pela primeira vez, em 1976, para fazermos pesquisa de campo em Pernambuco, em parceria com o Instituto Joaquim Nabuco de Ciências Sociais. Eu e Jorge havíamos terminado em Caracas nossa formação como étnico-musicólogos. Minha formação inicial era em piano. Pesquisamos diversos estilos musicais, tais como as Cantorias, o Reizado, as Bandas de Pifo, um arsenal maravilhoso de cultura popular. Retornamos ao Nordeste em 1977, a convite do antropólogo Aluizio Magalhães, do Instituto Pró-Memória. Nessa época, já havia me especializado em inventariar e em reconhecer a cultura de um povo.

US: Como foi a passagem de pesquisadora étnico-musical para o doutoramento em Antropologia?

RLS: Fiz o mestrado em Antropologia em Belfast, Irlanda do Norte, entre 1977 e 1978. Em seguida, retornamos a Caracas para continuar nosso trabalho no Instituto Ibero-Americano. Paralelamente, estive na Nicarágua, para montar Casas de Cultura Popular, bem como no Nordeste, para prosseguir no inventário da música daquela região.

US: Quando teve início seu interesse pelos estudos feministas e de gênero?

RLS: Antes do interesse científico, propriamente dito, considero que a educação que obtive de minha

mãe foi fundamental para minha decisão futura de ser feminista. Ela era uma dona de casa rebelde, me ensinou a nunca pedir licença para fazer o que quisesse. Ela sempre me dizia: “nunca peças permissão a um homem para fazeres o que quiseres e nunca lhe peça dinheiro”. Ela também jamais me deixou entrar na cozinha, portanto, nunca fui criada como uma mulher no sentido estreito da palavra gênero, ainda que me considere feminina. Não sou obediente, não sou suave, não fui educada para criar, fui criada como pessoa.

US: Quais são as principais lembranças de sua mãe?

RLS: Ela era uma grande leitora, gostava das obras de Voltaire, de Freud, conhecia toda a literatura latino-americana de realismo mágico. Também era muito poderosa e dominadora.

US: Como foi seu primeiro contato com a noção de gênero?

RLS: A noção de gênero circulava de forma muito restrita na América Latina nos anos 1970. Meu interesse adveio da minha pesquisa de doutorado, que realizei também em Belfast, entre 1981 e 1984. O trabalho de campo foi feito em Recife, em terreiros religiosos, nos quais percebi que o masculino e o feminino eram construídos de outra forma. A orientação sexual tinha uma fluidez que não possuía no mundo colonial. O modelo de sexualidade era marcado por uma transitividade. Por não dispor de conhecimentos prévios sobre os estudos de gênero, recorri à gramática para lembrar o que essa palavra significa, mas não era suficiente para responder às indagações que eu formulava.

US: De suas dúvidas surgiram as possibilidades de respostas?

RLS: Sim, finalmente, na Irlanda, comecei a tomar contato com a literatura feminista e de gênero. Comecei a ler autoras como Gayle Rubin, Rosalind Coward, Juliet Mitchell, Nancy Chodorow e Judith Butler, que trabalha com a perspectiva de performance de gênero, assim como eu. Essas teóricas me abriram uma perspectiva ampla para entender melhor meu *corpus*. Pude constatar que nos terreiros havia uma transitividade de gêneros, ou seja, uma fluidez

“ A noção de gênero circulava de forma muito restrita na América Latina nos anos 1970. Meu interesse adveio da minha pesquisa de doutorado, que realizei também em Belfast, entre 1981 e 1984. O trabalho de campo foi feito em Recife, em terreiros religiosos, nos quais percebi que o masculino e o feminino eram construídos de outra forma. A orientação sexual tinha uma fluidez que não possuía no mundo colonial.

de papéis sociais, muito além do engessamento que a nossa cultura colonialista representa e sem amarrar o gênero à sexualidade. Nos terreiros ficou muito claro que a naturalização do sexo é uma invenção e que pode ser desconstruída facilmente.

US: Como foi sua vinda para a Universidade de Brasília?

RLS: Tanto eu como meu companheiro tínhamos muitas saudades de nossos países, mas o ambiente político na Argentina ainda era terrível, por isso, decidimos vir para o Brasil. Ficamos hospedados um tempo na casa de um amigo, no Rio de Janeiro, quando surgiu uma vaga no Departamento de Antropologia da UnB e fui indicada pelo Gilberto Velho. Na época, não existia os concursos como hoje, então a entrada de um professor era analisada pelo conjunto de professores, bem como dos alunos. Dessa forma, passei uma semana ministrando aulas e palestras. A palestra Inventando a Natureza: família, sexo e gênero no Xangô do Recife, baseada em minha tese de doutorado, chamou a atenção do corpo docente e acabei aceita.

US: Como se formou o ambiente de estudos de gênero na UnB? Sabemos que ainda hoje a academia tem resistências a essa área de pesquisa.

RLS: Junto com Mireya Suarez, Lourdes Bandeira e outras professoras, propusemos a disciplina Antropologia da Mulher, origem do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher da Universidade de Brasília (NEPeM/UnB), um dos primeiros centros de pesquisa com essa temática a ser fundado no Brasil.

US: A seu ver, qual a principal contribuição do NEPeM?

RLS: Uma boa contribuição foi a parceria firmada, em 1993, entre a Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal e o NEPeM, que resultou no livro *Violência, Gênero e Crime no Distrito Federal* (Editora Universidade de Brasília, 1999). Essa história é interessante, pois foi o então Secretário de Segurança Pública, João Manuel S. Brochado, que procurou a UnB para propor que fosse feita uma pesquisa com o objetivo de conhecer as causas do aumento significativo de denúncias de violência sexual contra as mu-

lheres no Distrito Federal e que também promovesse uma conscientização por parte da população a esse respeito.

US: O capítulo de sua autoria no livro é *A Estrutura de Gênero e A Injunção do Estupro*. Era o início de suas pesquisas relacionando gênero e violência?

RLS: O capítulo é o resultado da leitura de 82 prontuários de internos que se encontravam confinados, em 1994, no presídio da Papuda, Complexo Penitenciário do Distrito Federal, bem como de entrevista direta com 16 internos que praticaram estupros. A ideia era ouvir esses homens e tentar aproximá-los do enigma que reveste o estupro cruento – tanto para eles quanto para nós – no impulso agressivo próprio e característico do sujeito masculino contra quem exibe os signos e os trejeitos de feminidade. Ao analisar detidamente os discursos dos estupradores, percebemos, por exemplo, que, ao perpetrar o ato, ele está tentando comunicar algo, uma masculinidade fragilizada.

“ Nos anos 1990, a violência de gênero quase não era tematizada, ainda que fizesse parte de nossa realidade. A minha antropologia responde às demandas sociais, por isso me dispus a tentar entender a origem de estupros, de mortes, de violências de vários matizes praticadas contra as mulheres. Entendo a violência contra as mulheres como uma forma de expressar algo: o poder.

US: O que te levou a continuar pesquisando o gênero associado a violência?

RLS: Nos anos 1990, a violência de gênero quase não era tematizada, ainda que fizesse parte de nossa realidade. A minha antropologia responde às demandas sociais, por isso me dispus a tentar entender a origem de estupros, de mortes, de violências de vários matizes praticadas contra as mulheres. Entendo a violência contra as mulheres como uma forma de expressar algo: o poder. A masculinidade é sinônimo de potência (bélica, política, econômica, intelectual e moral). A violência não é apenas uma relação do agressor com a vítima e, sim, do agressor com seus pares, de onde sai seu mandato de poder.

US: Você tem vários artigos e livros sobre o tema, tais como *As Estruturas Elementares da Violência* e *Las Nuevas Formas de La Guerra y el Cuerpo de las Mujeres* e também trabalha muito com a noção de feminicídio. Como você define esse tipo de crime?

RLS: Durante um curso de verão que ministrei em Madri ouvi falar, pela primeira vez, nos casos assombrosos de feminicídio que estavam ocorrendo no México, numa região fronteira com os Estados Unidos. Fui pesquisar essa noção e hoje não tenho dúvidas de que o feminicídio, usado de forma generalizada para falar sobre o assassinato de mulheres, tem que ser diferenciado, visto que há assassinatos domésticos e outros estranhos. É preciso perceber a diferença entre o ataque íntimo às mulheres e outros, como os de guerra, por exemplo. O feminicídio em Puerto Suarez, no México, não é feito por uma única pessoa, além de envolver sequestro e prisão.

US: Como você define o assassinato da estudante Louise, perpetrado em um dos laboratórios de Biologia da UnB, ocorrido em março deste ano e praticado por um ex-namorado e colega de curso?

RLS: Pode ser considerado na categoria do feminicídio íntimo. Tanto a sociedade quanto a universidade consideram o tema das mulheres como marginal, o que é um erro cognitivo, pelo qual se paga um alto preço. O tema das mulheres é central, pois é um termômetro da sociedade. É ele que nos permite diagnosticar o grau de violência que está sen-

do perpetrado. Por exemplo, o que dizem os trotes praticados nas universidades? Alguns são marciais, com vestígios fortes de misoginia e homofobia. É um absurdo que isso ainda ocorra! O assassinato de Louise foi motivado pela inveja. O grande erro de Freud foi dizer que as mulheres têm inveja do pênis; são os homens que têm inveja da felicidade das mulheres.

US: Na sua avaliação, como o país tem enfrentado a problemática da violência?

RLS: Falta espelho ao Brasil. A Rede Globo se encarrega de subtrair dos brasileiros esse espelho. O mapa da violência no Brasil é assustador. As execuções praticadas por policiais, por exemplo, são uma pedagogia terrível!

US: Você e seu companheiro à época, Jorge Carvalho, foram responsáveis pelo projeto original do programa de cotas para indígenas e negros na UnB. Passados mais de uma década da implementação das cotas, não apenas na UnB, mas na grande maioria das universidades públicas federais, quais são suas avaliações sobre a iniciativa?

RLS: O maior ganho proporcionado pelo programa de ações afirmativas, com a criação de cotas para negros e indígenas, foi que a raça passou a ser nomeada. As universidades públicas são o corredor por onde todos os que se destinam a comandar os recursos públicos no país transitam. Democratizar a



universidade é discutir o racismo existente no país. Entretanto, ao mesmo tempo em que as cotas eram implementadas, elas eram despolitizadas. Os estudantes foram induzidos a reproduzir carreiras individualistas. As cotas proporcionaram duas amnésias: os estudantes negros se esqueceram do coletivo de origem que o qualificou para ingressar na universidade e também se esqueceu de tomar consciência sobre a história da implementação das cotas. Sabê-las é ter acesso à mudança. Também é importante não nos esquecermos do protagonismo da UnB no planejamento e implementação do programa de cotas no país. Fomos pioneiros no país; isso gerou inveja e retaliações. Senti-me perseguida por meus pares na academia depois que colocamos a política de cotas em discussão, o que me levou a sair do Departamento de Antropologia, em 2010.

US: Não era mais possível a convivência naquele ambiente ao qual você dedicara anos de trabalho?

RLS: Saí por divergências teóricas, políticas e éticas. Ingressei nos programas de pós-graduação em Biologia Ética e Direitos Humanos da UnB. São programas inter e transdisciplinares. O professor não pode ficar restrito em disciplinas fechadas.

US: Como você avalia projetos que estão transcorrendo no parlamento brasileiro que atacam diretamente as bandeiras feministas, tais como a bolsa estupro, a proibição de discussão sobre ideologia de gênero nas escolas e o conceito de família, entre outros?

RLS: É uma política territorial. Aos poucos, a política brasileira foi adquirindo um cariz territorialista, ou seja, são espaços institucionais tomados por grupos, tais como o religioso-fundamentalista e o agronegócio. Esses grupos agem numa modalidade semelhante ao período pré-nazista na Alemanha. É preciso ter claro que o fundamentalismo não é apenas muçulmano; ele tem tentáculos muito mais amplos. Quando esses grupos atacam os direitos das mulheres, eles revelam a nossa época. Afinal, por que os costumes são tão centrais nas preocupações de cunho político e econômico?

US: Na sua opinião, o que mais incomoda aos legisladores com assento no Congresso Nacional?

RLS: O que mais lhes incomoda é que se atinja a

matriz heterossexual que rege a nossa sociedade. Todas as outras formas de desigualdades existentes são transformações da matriz heterossexual. É tão difícil retirar o feminino da posição em que se encontra porque ele é a pedra fundamental das diferenças.

US: A Igreja seria um dos principais inimigos dos feminismos?

RLS: Creio que não se trata da Igreja de uma forma geral, pois assim estaríamos fracionando os problemas. Temos que observar que a Igreja está fracionada. Houve sujeitos que sequestraram as vozes de um coletivo religioso que é muito amplo.

“Falta espelho ao Brasil. A Rede Globo se encarrega de subtrair dos brasileiros esse espelho. O mapa da violência no Brasil é assustador. As execuções praticadas por policiais, por exemplo, são uma pedagogia terrível!”

US: Qual é a sua avaliação sobre a crise política que o país vivencia?

RLS: Cheguei ao Brasil em um momento em que o drama da ditadura estava no fim. Agora, eu percebo um momento difícil e me solidarizo com os brasileiros. Decidi que vou me naturalizar brasileira. Antes, nunca havia tido essa vontade, apesar de ter dois filhos brasileiros. Mas é preciso observar também que a crise é um momento de efervescência histórica. As agendas golpistas para o Brasil e para a Argentina são as mesmas. São forças internacionais que querem se apossar das riquezas desses países. Há uma extraordinária semelhança na estratégia golpista. As políticas de bem-estar social implementadas no Brasil melhoraram a vida dos cidadãos, mas não é essa a razão para os golpes. A questão é geopolítica, é o realinhamento do continente americano. A criação do BRIC, o empoderamento do MERCOSUL começaram a ruir com o pacto intercontinental que existia até então. Foi um erro o Partido dos Trabalhadores (PT) achar que estava entrando no Primeiro Mundo sem ter a chave política para tal. O país se distanciou dos seus irmãos latino-americanos. Os títeres dos golpes são constituídos pelo empresariado internacional gerencial. **US**